

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CÂMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIA KAORI MAEMURA

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E TRABALHO DOCENTE:
ENFRENTAMENTOS NO PÓS-PANDEMIA**

BAURU

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS – CÂMPUS DE BAURU

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIA KAORI MAEMURA

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E TRABALHO DOCENTE:
ENFRENTAMENTOS NO PÓS-PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação, vinculado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Bauru – SP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Sob orientação do Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho.

BAURU

2023

M185e	Maemura, Julia Kaori Ensino remoto emergencial e trabalho docente: enfrentamentos no pós-pandemia / Julia Kaori Maemura. -- Bauru, 2023 44 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientador: Macioniro Celeste Filho 1. Ensino Remoto Emergencial. 2. Trabalho Docente. 3. Pós-pandemia. 4. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JULIA KAORI MAEMURA

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E TRABALHO DOCENTE:
ENFRENTAMENTOS NO PÓS-PANDEMIA**

Trabalho Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação, vinculado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Bauru – SP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Sob orientação do Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho - Orientador

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Bauru

Profa. Dra. Aline de Novaes Conceição

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

Profa. Ma. Tatiana Ranzani Maurano

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Marília

À minha família e aos meus amigos

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por me dar força e coragem necessária nessa difícil caminhada. A Ele, o qual me mostra que nem sempre as coisas acontecem da maneira que nós queremos, mas que quando confiamos e entregamos nossas escolhas diárias em Suas mãos, tudo acaba se encaixando no lugar e na hora certa.

Um carinho especial aos meus pais e ao meu irmão, que sempre estiveram presentes ao meu lado me dando amor e entregando os melhores conselhos em meio aos diversos dias difíceis. Sou muito grata por sempre mostrarem que o melhor caminho é aquele que, acima de tudo, me fará feliz e realizada, e por me apoiar e orientar até nas mais difíceis tomadas de decisão.

Aos meus amigos de Bauru, que estiveram ao meu lado em seminários e trabalhos, rolês pela cidade e pelo campus, e nas risadas e desesperos durante as aulas. Obrigada pelas experiências compartilhadas e ótimos momentos juntos nessa graduação. Vocês fizeram desses anos uma fase inesquecível!

Aos meus amigos de São Paulo, que sempre marcaram presença em todas as fases da minha vida, me motivando a persistir e a crescer como pessoa. Ainda que muitas vezes longe, estiveram me acompanhando nessa caminhada, entregando conselhos e momentos de descontração em minhas passagens pela cidade. Sou muito grata e valorizo demais a nossa amizade!

Ao meu orientador, agradeço principalmente pela sua paciência em meio às minhas inseguranças e indecisões. Obrigada por mostrar cuidado, calma e acolhimento no direcionamento desta pesquisa, além de sempre me tranquilizar em cada reunião e conversa ao longo do trabalho.

Aos professores da graduação, que sempre deram o melhor para transmitir seus conhecimentos e experiências com maestria aos alunos. Vocês abriram meus olhos para muitas coisas, fazendo com que a cada aula eu saísse um pouco mais transformada, com reflexões e perspectivas diferentes.

Por fim, agradeço aos professores entrevistados que participaram da pesquisa. Com a sua ajuda foi possível a realização da parte empírica, a qual era a etapa que mais me afligiu ao longo do planejamento deste trabalho.

Para tudo há uma ocasião certa; há um
tempo certo para cada propósito debaixo
do céu. Eclesiastes 3:1

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender e refletir sobre a crise educacional decorrente da pandemia da Covid-19, assim como, investigar e analisar os desafios enfrentados pelos professores após o retorno às aulas presenciais até os dias atuais, a fim possibilitar o fornecimento de subsídios ao planejamento de intervenções pedagógicas de professores da educação básica. A escolha do tema veio após a oportunidade oferecida durante as aulas do curso de Pedagogia em escutar diferentes professores e gestores de instituições escolares sobre os desafios enfrentados nas práticas diárias, durante e após a pandemia, mostrando necessário expor a realidade atual que está acontecendo em sala de aula. A pesquisa de caráter exploratório de natureza qualitativa, fazendo uso da técnica de entrevista como instrumento para a coleta de dados, buscou investigar a realidade atual de quatro docentes atuantes no 4º (quarto) e/ou 5º (quinto) ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo dois da rede privada e dois da rede pública de instituições escolares localizadas na Região Metropolitana de São Paulo. Deste modo, concluiu-se que por mais que as dificuldades durante a pandemia da Covid-19 tenham passado, novos desafios são enfrentados diariamente pelos docentes em suas salas de aula. Dessa forma, este estudo ajuda a expor e refletir dentro de uma visão crítica sobre a crise educacional que ainda pode ser presenciada dentro das instituições escolares, possibilitando novos olhares mais humanitários, a fim de se aproximar da superação dos obstáculos deixados pela pandemia, além dos já existentes antes desse período.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Trabalho Docente. Pós-pandemia. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present study aimed to understand and reflect on the educational crisis resulting from Covid-19 pandemic, as well as investigate and analyze the challenges faced by teachers after returning to face-to-face classes until the present day, in order to enable the provision of subsidies to planning pedagogical interventions for basic education teachers. The choice of the topic came after the opportunity offered during the Pedagogy course classes to listen to different teachers and managers of school institutions about the challenges faced in daily practices, during and after the pandemic, demonstrating the need to expose the current reality that is happening in the classroom. The exploratory research of a qualitative nature, using the interview technique as an instrument for data collection, sought to investigate the current reality of four teachers working in the 4th (fourth) and/or 5th (fifth) year of the initial grades of Elementary School, two from the private network and two from the public network of school institutions located in the Metropolitan Region of São Paulo. Therefore, it was concluded that even though the difficulties during the Covid-19 pandemic have passed, new challenges are faced daily by teachers in their classrooms. In this way, this study helps to expose and reflect on a critical view of the educational crisis that can still be witnessed within school institutions, enabling new more humanitarian perspectives, in order to get closer to overcoming the obstacles left by the pandemic, in addition to the already existing before this period.

Keywords: Emergency Remote Teaching. Teaching Work. Post-pandemic. Initial Grades of Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O TRABALHO PEDAGÓGICO DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA	14
2.1 As dificuldades do ensino remoto no contexto da Covid-19.....	14
2.2 O docente no trabalho remoto	18
3 O TRABALHO PEDAGÓGICO NO PÓS-PANDEMIA	23
3.1 Metodologia.....	23
3.2 Caracterização dos sujeitos.....	24
4 ANÁLISE DE DADOS	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE A	43

1 INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, o Brasil e o mundo passaram por uma pandemia causada pela Covid-19, a qual implica em graves crises respiratórias e apresenta alta taxa de transmissão e letalidade, fazendo a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar Emergência de Saúde Pública. Assim, para a diminuição do impacto, todos tiveram que aderir a políticas de isolamento social e quarentena, ocasionando o fechamento repentino das aulas regulares (presenciais) e a adoção do ensino remoto emergencial. Escolas públicas e privadas da educação básica aderiram às atividades online, com a proposta do estudo dos discentes mediado por equipamentos digitais. (Macedo, 2021)

No contexto nacional, se em algumas instituições escolares o ensino presencial já passava por desafios, durante a pandemia, as dificuldades apenas se ampliaram. Em um país cuja desigualdade se encontra estruturada econômica, política e socialmente, a tecnologia não é um recurso que se encontra acessível a todos, afastando muitas crianças e adolescentes da garantia ao direito à educação durante o ano de 2020, e na maior parte do ano consecutivo.

Para além da desigualdade social, agora, com a desigualdade digital, a dificuldade do uso dos recursos didáticos se acentuou (Macedo, 2021). Nesse período, muitos professores utilizaram os recursos digitais pessoais para atender as demandas do trabalho, utilizando a criatividade para criar meios visuais que estimulassem o interesse dos estudantes. Assim, os educadores redobram seus esforços e obrigações a fim de passar os conteúdos exigidos e manter a mínima qualidade de ensino (Matias *et al.*, 2023).

Ao analisar o contexto acima, a retomada do ensino presencial e a garantia de medidas sanitárias e da qualidade do ensino levaram as instituições de ensino a lidar com diversos desafios ao longo dos últimos anos. Não apenas os alunos, assim como os professores, presenciaram tempos de aflições, preocupações e vulnerabilidade emocional e psicológica, o que deixou marcas em cada uma das pessoas. A pandemia trouxe consequências que se evidenciam até os dias de hoje dentro das salas de aula, visto que transformou os indivíduos, o relacionamento entre si, entre os outros e entre o meio.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso pesquisou as dificuldades enfrentadas pelas instituições e pelos educadores durante o ensino remoto, assim como os desafios relacionados ao retorno das atividades com alunos que sofreram os impactos do isolamento social e o afastamento do ensino presencial. Ademais, após a oportunidade oferecida durante as aulas do curso de Pedagogia em escutar professores e gestores de escolas sobre suas

rotinas e desafios enfrentados nas atividades com os alunos, durante e após a pandemia, mostrou-se necessário expor também a realidade atual que está acontecendo em sala de aula.

Nesse contexto, a presente monografia de conclusão de curso teve como interesse em sua pesquisa compreender e refletir a crise educacional decorrente da pandemia da Covid-19, bem como investigar e analisar os desafios enfrentados pelos professores após o retorno às aulas presenciais até os dias atuais, a fim possibilitar o fornecimento de subsídios ao planejamento de intervenções pedagógicas de professores da educação básica.

Dessa forma, o estudo se justifica pela necessidade de compreender e refletir sobre o período que marcou a história, identificando os impactos gerados pela pandemia da Covid-19, os quais não ficaram apenas no período de isolamento e no retorno do ensino regular, mas se evidenciam em aspectos ocorrentes nos dias atuais dentro das instituições escolares. Desse modo, por meio do diálogo de estudos que articulam diferentes perspectivas e áreas de conhecimento, pretende-se trazer uma visão crítica sobre as dificuldades, assim como as possibilidades que estão sendo praticadas em sala de aula, a fim de contribuir para a superação dos obstáculos deixados pela pandemia.

Portanto, esse trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente será apresentado a análise da revisão bibliográfica, a qual sua seção se encontra dividida em duas partes, a primeira, sobre a postura e decisões tomadas pelas escolas e educadores perante o estado repentino do ensino remoto emergencial, e a segunda parte, relacionada ao trabalho docente durante o período de crise da pandemia da Covid-19. Posteriormente, será exposto uma pesquisa de abordagem qualitativa por meio do uso de entrevistas como instrumento de coleta de dados. Será realizada uma reflexão acerca dos obstáculos enfrentados no pós-pandemia, ao retorno às aulas presenciais, no intuito de obter melhor compreensão de como está sendo o trabalho pedagógico nos dias de hoje, optou-se por encaminhar um segmento da entrevista ao foco do ensino dos conteúdos de História e Geografia¹ do 4º (quarto) e 5º (quinto) anos do Ensino Fundamental, colocando em comparação duas escolas de rede pública e duas de rede privada, localizadas na Região Metropolitana de São Paulo.

O cenário pandêmico dos últimos anos contribuiu para evidenciar ainda mais os grupos que apresentam maior vulnerabilidade em nossa sociedade, além dos desafios enfrentados pelas famílias e crianças ao acesso a uma educação de qualidade (Santos, 2020). Além disso, tornou-

¹ As disciplinas de História e Geografia não são prioridade no currículo das escolas, por esse motivo, o interesse em direcionar um segmento da entrevista a essas disciplinas veio por meio de melhor compreender como foi no afastamento do ensino presencial e como está sendo, nos dias de hoje, o trabalho pedagógico em relação ao desenvolvimento dos conteúdos nos alunos. Está sendo possível trabalhar essas disciplinas em sala de aula ou o foco está voltado majoritariamente à alfabetização e ao raciocínio matemático?

se possível observar a influência que o distanciamento social e a falta de acessibilidade de muitos teve na falta da garantia de direitos considerados como básicos, como à educação, à saúde, ao livre arbítrio. Tais questões manifestaram um maior impulso à produção deste trabalho, assim, pretende-se buscar uma compreensão maior sobre a realidade que está acontecendo nos dias de hoje dentro das instituições escolares, e assim contribuir com estudos e propostas de superação de desafios deixados pela pandemia da Covid-19, assim como, aos que já existiam anteriormente a esse período.

2 O TRABALHO PEDAGÓGICO DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA

Na presente seção serão expostas algumas questões que surgiram durante os tempos de pandemia que se mostraram importantes a serem discutidas. Logo, os temas abordados a seguir se relacionam com as dificuldades e limitações do ensino remoto, considerando a realidade em que os estudantes e suas famílias se encontravam na ausência das instituições educacionais, assim como, a precarização do trabalho docente no contexto virtual.

2.1 As dificuldades do ensino remoto no contexto da Covid-19

Com a pandemia, o mundo e o Brasil entraram em situação de isolamento social. E este cenário não foi diferente para as escolas. Dadas as incertezas sobre a duração do isolamento e com a repentina suspensão das aulas, alternativas variadas tiveram que ser encontradas de modo que ocorresse a preservação das aprendizagens dos estudantes de todas as idades.

Dessa forma, após a intermediação de diferentes agentes e níveis ligados à gestão da educação básica, ainda que com variações nas propostas, manteve-se a decisão da educação em forma remota, por meio do uso e apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Assim, na medida do possível, o corpo docente de todas as instituições educacionais transferiu as salas de aula para o espaço virtual, fazendo uso das diferentes plataformas digitais em suas interações remotas (Gatti, 2020; Wenczenovicz, 2020).

Em menos de duas semanas professores e alunos de instituições educacionais públicas e privadas transferiram suas salas de aula para o ciberespaço. Iniciou-se uma corrida para dar conta do conteúdo que precisa ser trabalhado no ano letivo e, para isso, professores e alunos começaram a utilizar para sua comunicação *e-mail*, *Facebook*, *Whatsapp*, e também plataformas *online* para maior interação remota. (Wenczenovicz, 2020, p. 1764)

O ensino remoto permitiu que as atividades pedagógicas fossem planejadas pelo docente e realizadas em um ambiente virtual, em que o ensino passou a ser mediado por dispositivos móveis com acesso à internet, como smartphones e computadores, além de ter a opção de ocorrer de forma síncrona, ao mesmo tempo, ou assíncrona, em horários diferentes. Contudo, essa súbita transferência das salas de aula ao espaço virtual ocasionou em mudanças substanciais na dinâmica educacional, impactando não somente o meio de ensino, mas trazendo diversas outras preocupações aos profissionais da educação.

Diante disso, Silva *et al.* (2022) aponta que a ausência das crianças no espaço escolar e a mudança ao espaço doméstico apresentaram não apenas a quebra à institucionalização da

infância, mas uma fragilidade à própria escola em meio ao contexto de crise. O deslocamento do tempo-espaço da escola para o tempo-espaço da casa contribuiu à considerável transformação dos processos de aprendizagem e seus sujeitos, refletindo também na relação escola-família-criança. Isso sem considerar a ausência da escola para uma grande quantidade de crianças, as quais por diferentes motivos tiveram que interromper a sua escolarização.

Assim, Almeida e Dalben (2020) advertem que a adesão ao ensino remoto se mostrou em um dilema, em que por um lado, possibilitou que mesmo com a distância física, ainda existisse o contato social pelo meio virtual; por outro, manifestou de maneira implícita, o aumento das desigualdades já existentes no sistema educacional brasileiro. Em outras palavras, apesar da modalidade remota permitir que, de certa forma, as aprendizagens continuem, muitas instituições de ensino não apresentavam recursos físicos e materiais e profissionais capacitados para movimentar efetivamente a proposta educacional oferecida pelo governo brasileiro.

Em tempos de convivência com a Covid-19, mais que observar a construção de desigualdades e a procura por receitas fáceis às mazelas escolares no Brasil, vê-se a explicitação e o aprofundamento dessas. Em nome de uma alternativa tecnológica pouco afeita à igualdade de oportunidades, insensível ao momento histórico vivenciado por muitas famílias e não suficientemente desenvolvida para a utilização proposta pelos governos, muitos estão sendo abandonados, sejam eles professores, sejam estudantes. (Almeida; Dalben, 2020, p. 16)

A ausência de condições mínimas de infraestrutura para o ensino remoto, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, trouxe a ampliação de questionamentos que já se emergiam no contexto da educação. Ademais, além da desigualdade no acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), o chamado letramento digital também se apresenta desproporcional na sociedade brasileira, de modo que nem todos têm o domínio necessário para utilizá-las corretamente (Mattos; Chagas, 2008; Macedo, 2021).

Dados da pesquisa Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) Educação, cujo objetivo é compreender o acesso, o uso e a apropriação das TICs em escolas privadas e públicas brasileiras, são reveladores desse cenário. Nesse levantamento, apenas 14% das escolas públicas declararam utilizar alguma plataforma ou ambiente virtual de aprendizagem em 2019, número que chega a 64% nas escolas particulares, apontando para diferença muito expressiva entre as redes pública e privada. (Macedo, 2021, p. 267)

À vista disso, se tais desigualdades já eram perceptíveis no Brasil, se acentuaram ainda mais no cenário da Covid-19 na medida da ampla existência de diferença ao acesso à internet e equipamentos digitais dos alunos da rede privada e dos alunos da rede pública, ou seja, “mais do que nunca, durante a pandemia do coronavírus em 2020, a educação no Brasil tornou-se um privilégio, deixando milhares de estudantes sem garantia de seu direito à educação” (Macedo, 2021, p. 268).

Vale ressaltar que a impossibilidade de estar no ambiente escolar e a não frequência às aulas não expõem os estudantes apenas à situação de vulnerabilidade aos acessos tecnológicos, mas a ausência do contato diário com a escola também identificou alguns problemas estruturais vivenciados dentro do ambiente domiciliar dos alunos, sobretudo, provenientes de baixa renda. Assim como Wenczenovicz (2020, p. 1756) afirma:

[...] dentre os obstáculos do ensino emergencial remoto também destacam-se as questões estruturais, ou seja, os problemas de acesso a computadores e de conexão com internet, a falta de espaço apropriado para o estudo a domicílio/em casa e a relação família-escola. Se na modalidade presencial já havia um hiato entre a escola e os núcleos familiares, no momento de singularidade – isolamento social – as distâncias aumentam e a dificuldade de professores entrarem em contato com os pais dos alunos torna-se maior.

Em meio aos desafios na relação escola-família, também é necessário considerar as dificuldades na adaptação da rotina familiar aos estudos dos filhos. Diante disso, Wenczenovicz (2020) aponta que mais uma preocupação das escolas relacionou-se com a realidade de muitos responsáveis não conseguirem acompanhar as demandas da escola por conta da baixa escolaridade dos familiares, além da dificuldade em conciliar as tarefas domésticas, as demandas profissionais e as atividades educacionais de seus filhos.

No entanto, Almeida e Dalben expõem em seus estudos que “a garantia das condições de acesso a todos os estudantes foge às possibilidades reais da escola” (2020, p.7). Em outros termos, muitas famílias de baixa renda acabam não conseguindo garantir a infraestrutura – além de casos mais graves, em que as condições básicas de subsistência são comprometidas – necessária para possibilitar aos seus filhos o acompanhamento das atividades escolares. Assim, muitas vezes, a falta da estrutura física e organizacional domiciliar das famílias deixou as atividades do ensino remoto cada vez mais limitadas, reduzindo ainda mais a qualidade das aprendizagens.

Outro aspecto relevante nessa discussão é esclarecer que durante o período de crise, além da dificuldade ao acesso digital, ocorreram casos mais graves em que a família não tinha, de fato, acesso às tecnologias digitais. Nessas situações, as escolas tiveram que recorrer ao envio de material impresso aos alunos, com o intuito deles não ficarem ausentes de todas as atividades propostas. Desse modo, Gatti (2020, p.32) esclarece que

Caminhos variados foram encontrados com a utilização de diversas plataformas educacionais, com utilização da internet, solução que se mostrou, na situação, acessível a muitas redes, escolas e seus estudantes, mas não para todos. Em outras circunstâncias também se recorreu ao envio de material impresso aos alunos, com possibilidade de retorno à escola de atividades e tarefas propostas. Orientações a pais fizeram parte da ação de algumas propostas de redes de educação básica, muito especialmente no referente a crianças pequenas – creches e pré-escolas. Observaram-

se também situações em que as atividades educacionais foram simplesmente paralisadas por injunções diversas.

Ao levar em conta as diferentes situações econômico-sociais-culturais presentes nesse país, diversas medidas tiveram que ser tomadas para além da apropriação das plataformas digitais. Dessa forma, mais uma vez, mostra-se a necessidade de considerar a vasta desproporção econômica vivida por pessoas envolvidas no sistema educativo, em que muitos não possuem acesso à internet de qualidade ou condições adequadas, além de muitas famílias terem disposto de apenas um computador, ou um celular, a ser compartilhado por vários usuários ao mesmo tempo (Gatti, 2020; Fettermann; Tamariz, 2022).

As instituições educacionais passaram não só pelo desafio de realizar o trabalho pedagógico no meio remoto, mas em diferentes situações e condições. A situação mostrou a importância do domínio em adaptar, inesperadamente, os programas previstos às necessidades e realidades dos alunos (Moran, 2000; Fettermann; Tamariz, 2022). Logo, restou às escolas e, principalmente, aos docentes buscar novas estratégias para cumprir as demandas das atividades pedagógicas num cenário totalmente novo e incerto, selecionando as ferramentas, plataformas e mídias que melhor se adequassem aos alunos envolvidos.

Independentemente de qual seja o plano de aprendizagem remota adotado ou as ferramentas escolhidas, é fato que é necessário que haja pertinência e relevância no contexto atual e para a vida dos alunos. Assim, não se pode apenas transpor o formato e o conteúdo de ensino presencial para as plataformas on-line. É preciso pensar em novas formas de ensinar, considerar as novas maneiras de aprender e ressignificar, entre outros, o modo de avaliar. (Fettermann; Tamariz, 2022, p. 3)

Nesse contexto, ao compreender as inúmeras alternativas de uso das tecnologias digitais, surgiu também a preocupação em não apenas fazer a transposição das práticas da sala de aula aos ambientes virtuais, mas se atentar em planejar e preparar materiais que fossem suficientes para garantir que os alunos aprendessem de maneira significativa. Para mais, acrescentou-se a necessidade em facilitar as atividades para não sobrecarregar os discentes, tanto no que diz respeito à quantidade de conteúdos quanto ao tempo em frente às telas, uma vez que o cenário da Covid-19 já cumpria esse papel de sobrecarregar emocionalmente as famílias.

Avançaremos mais se aprendemos a equilibrar planejamento e a criatividade, a organização e a adaptação a cada situação, a aceitar os imprevistos, a gerenciar o que podemos prever e a incorporar o novo, o inesperado. Planejamento aberto, que prevê, que está pronto para mudanças, para sugestões, adaptações. Criatividade, que envolve sinergia, pôr as diversas habilidades em comunhão, valorizar as contribuições de cada um, estimulando a clima de confiança, de apoio. (Moran, 2000, p. 138)

Assim, torna-se perceptível a tamanha responsabilidade do professor no cuidado em tornar seus planejamentos flexíveis ao ensino-aprendizagem em diferentes acessos, ou seja, organizar suas aulas de forma que sejam pertinentes a cada discente, seja nas plataformas digitais ou em outros meios físicos.

Sendo assim, por meio das ideias apresentadas até esse ponto do trabalho, pôde-se observar como a pandemia limitou e trouxe crise aos processos de aprendizagem nas escolas. A repentina mudança do local de ensino não só baixou a qualidade da educação e atrapalhou o processo de desenvolvimento de muitas crianças no Brasil, mas deixou muitos sem o devido acesso à educação. Entretanto, mesmo com as severas contrariedades dessa modalidade, esse período também mostrou que existe algum benefício no uso das ferramentas digitais, as quais quando bem-intencionadas, podem se tornar aliadas da educação, sendo mais um recurso didático a ser utilizado em sala de aula.

2.2 O docente no trabalho remoto

Diante dos processos educativos digitais durante o período da Covid-19, faz-se necessário citar as profundas transformações repentinas no trabalho dos professores, cuja significativas mudanças nas condições do trabalho docente num curto espaço de tempo trouxeram novos desafios a serem enfrentados. Nessa situação, além dos profissionais serem pegos despreparados ao uso dos recursos e ferramentas digitais, também se responsabilizaram a reinventar seus planejamentos pedagógicos, considerando a realidade de crise que todos estavam enfrentando.

Os elementos e a experiência que compõem o processo de trabalho docente presencial precisaram, portanto, ser readaptados a essa nova realidade, já que não se trata de uma mera transposição da atividade, antes modulada no ambiente de sala de aula em contato direto com os aluno(a)s, que passou a ser realizada integralmente em meio digital. Em termos concretos, a atividade de trabalho, o objeto e os seus meios precisaram ser redefinidos num curto espaço de tempo, sendo os próprios docentes responsáveis por esse processo. (Souza *et al.*, 2021, p. 5)

Primeiramente, é relevante considerar que, em geral, o trabalho docente realizado anteriormente à pandemia já apresentava condições desfavoráveis aos profissionais. A dinâmica do trabalho dos docentes se articulava por meio de características relacionadas à instabilidade, insegurança, incertezas, bem como a alta jornada de trabalho com remuneração variável (Barbosa, 2018; Silvestre; Figueiredo Filho; Silva, 2023). A nova realidade da pandemia, portanto, apenas aprofundou e acelerou problemas já existentes, intensificando ainda mais a precarização do trabalho dos professores.

Por outro lado, mesmo que o trabalho se encontrasse carregado de adversidades, as escolas ainda apresentavam a disposição de uma infraestrutura, equipamentos e recursos, além do contato ao trabalho coletivo oferecido pela instituição, após a vinda da pandemia, o ambiente de trabalho dos educadores passou a ser integralmente domiciliar. A nova reconfiguração exigiu dos profissionais não somente o gerenciamento da rotina já em vigência de atividades docentes, mas a conciliação com os afazeres domésticos, o espaço pessoal, as restrições impostas pelo momento do isolamento físico, além de muitos levantarem também a questão de terem filhos em casa (Oliveira, 2020). Dessa forma, a ausência dos meios necessários ao pleno desenvolvimento das atividades, mais a falta de um suporte pedagógico, contribuíram para o considerável aumento da carga de trabalho exigida aos profissionais.

Sobre os fatores relacionados à sobrecarga docente, Matias *et al.* (2023) afirma que pelas práticas pedagógicas terem que se deslocar rapidamente do presencial às plataformas virtuais, até então pouco conhecidas por muitos professores, levou à crise de muitos educadores. A repentina necessidade de mudança estrutural no processo de trabalho, o despreparo na formação para ministrar aulas online e a dificuldade em se adaptar aos recursos digitais, deixaram os profissionais desamparados em meio a situação.

Nesse contexto, Oliveira (2020) aponta que as dificuldades relacionadas ao uso de tecnologias e a ausência de uma formação específica para utilizar os meios digitais no ensino remoto, tornou a situação vulnerável ao aumento do tempo de trabalho para a realização das aulas, o que acarreta no aumento das horas de trabalho, portanto, em sobrecarga. Ademais, além da preocupação à adaptação repentina dos profissionais ao novo modelo de ensino, a sobrecarga do trabalho também se deu na medida que as exigências, traduzidas em tarefas e compromissos, lhes foram atribuídos e cobrados pelo calendário escolar.

Sem dúvida, outro motivo que contribuiu a essa situação relaciona-se ao fato de que antes a educação era ocupada pelo envolvimento próximo e físico entre os agentes do processo de ensino-aprendizagem, e agora esse espaço se tornou o de encontro virtual, limitado e isolado, mudando drasticamente o cenário pedagógico (Souza *et al.*, 2021). Deste modo, quando o assunto é a intensificação da demanda na docência, são inúmeras as variáveis que precisam ser consideradas.

Em vista disso, Wenczenovicz (2020) ressalta que na educação remota, a qual se desenvolve e propaga-se em diversos meios e estados, simplesmente o professor foi posto a transferir sua aula presencial para o digital. Melhor dizendo:

No quesito formação de professores para ministrar aulas online e as dificuldades em adaptar conteúdos programáticos, inúmeros são os problemas citados por parte dos

educadores e gestores, já que a educação a distância pressupõe um tutor e o uso de diversos recursos midiático diluídos em tempos distintos, com atividade síncronas e assíncronas. (Wenczenovicz, 2020, p.1758)

Sendo assim, em meio a complexidade de transformação do espaço educacional, sem a devida formação ou orientação, as organizações de ensino esperavam que os professores dessem conta de toda a carga exigida de trabalho, bem como o gerenciamento de todos os recursos disponibilizados pelas instituições, fazendo uso de diferentes plataformas *online*, a fim de manter a comunicação e atender as necessidades específicas de cada aluno. Assim, sobre o uso dos meios digitais na educação, pode-se dizer que o período de crise intensificou a utilização de tais plataformas nas práticas pedagógicas, sem considerar os problemas que seriam causados aos educadores.

Entretanto, sob essa perspectiva, também foi possível observar um contraposto. O uso dos recursos tecnológicos nas atividades fundamentais do processo de ensino-aprendizagem não só intensificou o trabalho docente, mas fragmentou e terceirizou consideravelmente suas práticas pedagógicas. Silvestre, Figueiredo Filho e Silva (2023, p. 10) apontam que

[...] o trabalho docente deixa de ser um processo que envolve planejamento, preparação, execução, acompanhamento e avaliação e passa a ser um compilado de atividades renovadas sistematicamente (mesmo que não haja retorno expressivo dos alunos em relação à atividade elaborada anteriormente), indicação de tarefas já prontas armazenadas nas plataformas digitais, plantão de dúvidas sobre conteúdos trabalhados fora da dinâmica entre professor-aluno, cobrança e supervisão para garantir que os estudantes façam atividades técnicas que não foram construídas a partir da interação dos docentes com a turma.

A mediação tecnológica, então, simplificou a totalidade do processo pedagógico, diminuindo a qualidade das atividades pedagógicas e domínio profissional dos professores. Todavia, o que se pressupõe que a sistematização digital desse trabalho levasse à diminuição da jornada de trabalho, na verdade foi o oposto, apenas potencializou a sobrecarga docente (Souza *et al.*, 2020; Silvestre; Figueiredo Filho; Silva, 2023).

As responsabilidades dos docentes se intensificaram no âmbito digital na medida que as atividades já programadas não eram suficientes no processo educativo, isto é, os professores tiveram que se mover na execução de outras práticas pedagógicas a fim de suprir o que as plataformas não viabilizaram, mais uma vez, excedendo a jornada de trabalho.

Souza *et al.* (2020) aponta que a fim do educador dar conta de todas as atividades exigidas, se fez necessário realizar tarefas fora da jornada de trabalho e sem a remuneração que contabilizasse corretamente o serviço complementar. Logo, os planejamentos e gravações de aulas, as disponibilizações nas plataformas digitais, além do atendimento de alunos com dúvidas por meio de aplicativos digitais foram realizados em tempo pessoal dos educadores.

Há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores. Na prática, a intensificação do trabalho constitui-se em uma forma de gestão e organização do trabalho, que impõe metas e extensão da jornada de trabalho. (Souza *et al.*, 2020, p. 5)

Entretanto, à medida que existe a compreensão do impacto gerado na jornada de trabalho, a vida pessoal dos profissionais também deve ser levada em consideração, visto que se anteriormente os professores já sofriam de estresse e distúrbios psicológicos e físicos por conta do trabalho, agora, tais problemas apenas se agravaram (Souza; Leite, 2011; Souza *et al.*, 2020; Silvestre; Figueiredo Filho; Silva, 2023).

[...] é possível afirmar que elementos constitutivos da precariedade subjetiva, como o fato de não poder se fiar nas rotinas profissionais; o sentimento de não dominar o trabalho; a necessidade de se esforçar permanentemente para cumprir os objetivos; e o próprio sentimento de isolamento e abandono foram alçados a outro patamar após a implementação do ensino remoto emergencial. (Silvestre; Figueiredo Filho; Silva, 2023, p. 16)

A adaptação dos educadores ao ensino remoto não foi nada fácil, as dificuldades, instabilidades e incertezas do trabalho, juntas à precariedade excessiva, refletiram em um constante desgaste físico e mental dos profissionais.

Sendo assim, pode-se colocar que o processo de intensificação do expediente do professor também promoveu a redução do tempo para descanso, deixando-os exaustos do trabalho; implicou à falta de tempo para atualizar ou requalificar a formação profissional; aumentou a probabilidade de isolamento ao diminuir a oportunidade de interação e participação coletiva no exercício do trabalho; limitou uma possível reflexão crítica e tornou o profissional mais vulnerável à problemas de saúde (Souza *et al.*, 2020).

Certamente, o cenário de pandemia aumentou a jornada de trabalho docente, sobrecarregando os profissionais com atividades para além da profissão. Deste modo, vale pontuar que mais uma preocupação se relaciona à iniciativa de diversos professores priorizarem o acolhimento das necessidades emocionais de seus alunos em detrimento das questões de aprendizagem sistematizada.

Durante o ensino remoto, Matias *et al.* (2023) destacou que muitos professores sentiram a necessidade de maior atenção no âmbito da afetividade e socialização. Em vista disso, fizeram uso dos espaços digitais para dar a oportunidade de seus alunos melhor interagirem e expressarem suas percepções e aflições. Assim, além do exercício da docência, aumentou a preocupação dos profissionais em relação ao auxílio das questões psicossociais dos estudantes.

Souza *et al.* (2020) aponta que em circunstâncias reais, no entanto, sem o preparo adequado para lidar com o emocional do outro, tal acolhimento pode gerar, além da sobrecarga

de trabalho, sobrecarga emocional e ansiedade ao responsável, ou seja, o que é benéfico ao discente, pode não surtir o mesmo efeito ao docente. Essa questão, mais uma vez, evidencia profissionais em posição de vulnerabilidade ao desencadeamento de mais problemas no âmbito da saúde mental dentro do ambiente de trabalho, expondo a tamanha precarização do trabalho docente em tempos de pandemia.

Dessa forma, nesse período, os professores tiveram a responsabilidade de, além de dominar os conhecimentos em sua área, buscar práticas pedagógicas adequadas aos meios digitais, considerando habilidades e competências específicas, e cumprir as exigências cobradas pelo calendário escolar. Tudo isso, realizado no espaço domiciliar dos profissionais, conciliando trabalho e afazeres pessoais, além do psicológico e emocional abalados pela crise da pandemia. Assim, o cenário de crise trouxe à educação não apenas a problematização no uso dos recursos digitais, mas também apresentou crise ao trabalho docente, sendo essa, mais uma dificuldade a ser enfrentada no pós-pandemia.

Diante disso, em síntese, por meio do estudo de diversos autores, nessa sessão foram abordados assuntos acerca das dificuldades na implementação do uso das tecnologias no ensino remoto durante a situação de isolamento, bem como a tamanha desigualdade de acesso e de infraestrutura digital na sociedade brasileira. Nesse debate, também foi apresentado alguns problemas estruturais e sociais no que tange conciliar a vida pessoal, a educação e os meios digitais dentro do contexto dos alunos e suas famílias.

Além disso, a presente sessão evidenciou o movimento das escolas e educadores diante das repentinas mudanças, os quais tiveram que se desdobrar num curto espaço-tempo em relação à organização dos planejamentos das práticas pedagógicas, a fim de garantir a compreensão dos alunos aos objetivos educacionais propostos. Para mais, foi abordado a realidade vivida pelos profissionais da educação, que passaram a realizar seu trabalho em condições de sobrecarga trabalhista, psicológica e emocional, ocasionando crise ao trabalho docente em meio ao cenário pandêmico.

3 O TRABALHO PEDAGÓGICO NO PÓS-PANDEMIA

Neste tópico do trabalho, pretendia-se realizar uma exposição baseada em estudos recentes sobre a retomada das aulas presenciais no pós-pandemia. Contudo, após analisar os bancos de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (DEDALUS) e da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (ATHENA) e a biblioteca virtual *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), o material encontrado foi muito incipiente, uma vez que não apresentaram análises aprofundadas sobre esse fenômeno tão recente. Dessa forma, a fim de alcançar os objetivos pretendidos a esta monografia, optou-se em ir à pesquisa empírica e buscar essas informações junto ao professorado da educação básica.

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada na concretização da pesquisa empírica constituiu-se na abordagem de caráter exploratório de natureza qualitativa, fazendo uso da técnica de entrevista como instrumento para a coleta de dados.

Segundo Alves e Silva (1992, p. 65), “a análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade [...]”. Sob essa perspectiva, este método de pesquisa consiste em estudar um tema pouco explorado a partir de um relato de experiência, realizado por meio de uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de investigar e analisar mais profundamente as concepções acerca de um determinado tema (Alves; Silva, 1992; Duarte, 2004; Fortunato, 2018).

As entrevistas foram realizadas de forma virtual, por meio da plataforma *online Google Meet*, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas. Além disso, ocorreu a mediação de um roteiro previamente planejado (APÊNDICE A), cujo seu preparo foi organizado decorrente aos estudos realizados na seção anterior. Ao elaborar o roteiro, na intenção de obter melhor compreensão de como está sendo o trabalho pedagógico nos dias de hoje, optou-se por encaminhar um segmento da entrevista ao foco do ensino dos conteúdos de História e Geografia e seus desafios em sala de aula.

Para este estudo, os sujeitos selecionados para a pesquisa fazem parte de um grupo composto por quatro educadores atuantes no 4º (quarto) e/ou 5º (quinto) ano dos anos iniciais

do Ensino Fundamental², sendo dois da rede privada e dois da rede pública de instituições escolares localizadas na Região Metropolitana de São Paulo.

Desse modo, a posterior análise se baseou em dados decorrentes do levantamento bibliográfico e do material obtido por meio de entrevistas.

3.2 Caracterização dos sujeitos

Como apontado anteriormente, os participantes da pesquisa foram quatro professores do 4º (quarto) e/ou 5º (quinto) ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo dois atuantes de instituição privada e dois de rede pública. O convite para a contribuição à pesquisa considerou de relevância apenas que fossem atuantes do 4º (quarto) ou 5º (quinto) anos do Ensino Fundamental, sendo independentemente à idade, tempo de atuação e turno de trabalho.

A seguir, será apresentada uma breve caracterização dos sujeitos entrevistados. Os professores serão indicados por números, sendo a numeração de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

Dessa forma, o Professor 1 tem formação em Magistério e Ensino Superior em Pedagogia, sendo que, aos 58, atua na docência há 20 anos. Atualmente, trabalha em uma instituição de rede privada em São Paulo há 12 anos, com o público de classe média, e atua em parceria com outro professor nos 4º e 5º anos, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia em ambas as turmas, com sete alunos no 4º ano e 14 no 5º ano.

O Professor 2 tem Ensino Superior em Pedagogia. Aos 35 anos, atua na docência há 13 anos. O docente atua na mesma escola em que realizou sua Educação Básica desde a graduação, começando como auxiliar de classe e, atualmente, como professor titular. A instituição em que trabalha é de rede privada e localizada em São Paulo, com o público de classe média e classe média alta. Neste ano, está lecionando para 21 alunos e uma sala de 5º ano.

O Professor 3 tem Ensino Superior em Pedagogia e, aos 44 anos, atua na área da docência há quase 20 anos. Atualmente, leciona há quatro anos em uma instituição de ensino da rede pública de Osasco, atendendo o público de renda média e baixa da região. O docente trabalha com duas turmas de 4º ano, sendo uma no período da manhã e a outra no período da tarde, com a média de 30 alunos por sala.

² A escolha de estudar professores atuantes dos 4º (quarto) e 5º (quinto) anos se deu por conta de serem turmas que se encontravam nos 1º (primeiro) e 2º (segundo) anos durante o isolamento da Covid-19. Sendo os primeiros anos do Ensino Fundamental importantes ao desenvolvimento de bases fundamentais para os anos seguintes, o que foi ou não trabalhado pelos alunos nesse período irá refletir nas aprendizagens seguintes, ponto importante nesta pesquisa.

Por fim, temos o Professor 4, o qual tem 40 anos e Ensino Superior em Pedagogia. Atua na área da educação há mais de vinte anos e, em sala de aula como professor titular, há cinco anos. Desde que começou como docente titular, até os dias de hoje, trabalha em uma instituição da rede pública de ensino em São Paulo, com o público em sua maioria de baixa renda. Atualmente, atua em uma turma de 4º ano com 29 alunos.

4 ANÁLISE DE DADOS

A análise do material teve seu início com a descrição manual das entrevistas e sistematização das respostas dos entrevistados, de acordo com os assuntos abordados.

A primeira análise que podemos evidenciar é em relação ao desenvolvimento dos conteúdos durante o Ensino Remoto Emergencial na pandemia. Ao questionar se todos os conteúdos estipulados ao ano conseguiram ser desenvolvidos ou se os docentes tiveram que reorganizar os planejamentos, os professores 1 e 2 compartilharam que conseguiram passar todos os conteúdos estabelecidos. Pelo contrário, os professores 3 e 4 já não vivenciaram a mesma coisa, ou seja, precisaram priorizar os conteúdos e muitos foram deixados de lado.

Professor 1: Foi possível passar todos os conteúdos sim. A pressão era muito grande. [...] tinha muita cobrança tanto da escola quanto dos pais.

Professor 2: Por incrível que pareça sim, conseguimos passar todos os conteúdos, mas se os alunos absorveram...

Professor 3: Os conteúdos tiveram que ser selecionados. Como a gente gravava as aulas antes, não havia o mesmo tempo se estivéssemos na escola, então não dava para dar tudo.

Professor 4: Precisamos selecionar os conteúdos. [...] era inviável passar tudo. A gente foi selecionando algumas coisas para passar para eles.

Como podemos observar, o Professor 1 alegou que havia muita cobrança da escola e das famílias de seus alunos. O professor ainda compartilhou que a gestão da instituição na qual trabalha deu apoio aos educadores durante o ensino emergencial, mas que a cobrança era muito grande, sendo um fator que desgastou bastante o profissional.

Além disso, muito foi enfatizado sobre a cobrança de alguns pais de alunos, os quais além de monitorarem seus filhos de perto, também monitoravam as práticas do educador. Sendo assim, quando indagado sobre o desenvolvimento dos conteúdos de História e Geografia no momento da pandemia, o Professor 1 deu o exemplo de uma situação que ocorreu em relação ao livro didático:

Professor 1: Haviam mães que cobravam que a gente passasse todos os conteúdos dos livros. Teve uma mãe que veio me questionar falando que eu não estava passando todas as páginas do livro, me mostrando página por página e pontuando os conteúdos. [...] a partir desse dia comecei a passar por todas as páginas do livro, nem que algumas fossem apenas para leitura complementar, e consegui.

Relacionado a essa situação, também podemos destacar episódios frequentes que ocorreram durante as aulas remotas das disciplinas do Professor 2, em que haviam pais que

ficavam ao lado dos filhos durante as vídeo aulas e interrompiam a explicação do educador para comentar se achavam determinado assunto em discussão pertinente ou não.

Os Professores 1 e 2 alegaram que embora algumas crianças tenham se afastado das atividades escolares durante a pandemia por motivos pessoais, todos os alunos tinham acesso aos recursos tecnológicos e às aulas remotas. Dessa forma, com a alta cobrança, mesmo sem a certeza de que todos os alunos compreenderam os assuntos abordados, ambos os professores de instituições particulares cumpriram com a entrega dos planejamentos anuais.

Por outro lado, tanto o Professor 3 quanto o Professor 4 não mencionaram quaisquer cobranças externas em suas práticas. Sobre a acessibilidade à tecnologia, além de apontarem que alguns alunos tinham maior dificuldade de acessar por depender do aparelho eletrônico dos pais, a maioria tinha acesso às aulas e atividades disponibilizadas nas plataformas remotas. Os poucos alunos que não tinham acesso, faziam as atividades por meio de roteiros e buscavam os materiais na instituição.

No entanto, por mais que o acesso à internet não tenha causado grande preocupação, além de não ser possível desenvolver todas as aprendizagens, ambos compartilharam que o foco dos ensinamentos selecionados era muito mais voltado à Língua Portuguesa e Matemática. Ou seja, todas as outras disciplinas praticamente não foram discutidas com os alunos.

Professor 3: Geralmente os conteúdos já ficam em segundo plano em tempos normais, na pandemia não foi diferente e, hoje em dia, os alunos estão com muita defasagem, então eles ainda ficam em segundo plano. Na época, eram selecionados alguns conteúdos, mas não foi possível passar nem metade dos conteúdos programados [...] por exemplo, de cinco conteúdos de História, a gente passava um.

Professor 4: Eles não tiveram praticamente nada. Era um texto ou outro que a gente trabalhava, mais para abordar o contexto da pandemia, mas foi o foco mais em Português e Matemática mesmo.

Por meio do que foi apresentado pelo Professor 3, antes da pandemia, as disciplinas que não Língua Portuguesa e Matemática sempre foram relegadas, porém, o professor conta que hoje em dia a situação piorou. Posto isso, ao questionar o que está acontecendo em sala de aula atualmente, nos foi dito que os alunos se encontram com muita defasagem causada pelo tempo em que ficaram afastados presencialmente da escola e, outros, por não acompanharem as lições desse período. Tal fato acabou aumentando a necessidade de trabalhar certos assuntos em detrimento de outros.

Professor 3: Sempre foi assim e isso é até uma das minhas questões, porque é lógico que a gente precisa diminuir a dúvida deles em português e matemática, mas as outras disciplinas também são importantes. Mas sempre que aperta essas duas, a gente acaba não dando aula das outras para priorizar elas.

Nesse sentido, como há muitos alunos atrasados no desenvolvimento dos conteúdos de português e matemática e por eles sempre se tornarem prioridade nos planejamentos exigidos, no primeiro bimestre do ano letivo de 2023 da turma do Professor 3 praticamente não foram ministradas as aulas de outras disciplinas, pois a lacuna de matérias consideradas prioritárias era muito grande.

Além disso, o Professor 3 apresentou que apenas nos últimos meses do ano está conseguindo introduzir mais frequentemente os conteúdos deixados de lado no começo do ano, como os de História e Geografia. Mas, afirmou que as práticas exigidas são muito pontuais, isto é, poucos são os conteúdos do 4º ano selecionados para trabalhar em aula, visto que muitos educandos ainda não têm base o suficiente para dar continuidade nos temas. À vista disso, o professor disse com as seguintes palavras “A turma do 4º ano deste ano está muito fraca” (Professor 3), os alunos estão desenvolvendo muito pouco das matérias estipuladas no currículo do 4º ano, a maioria dos conteúdos que estão trabalhando são relacionados aos anos iniciais do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Certamente, o professor afirmou que este atraso poderá causar problemas às aprendizagens dos próximos anos.

Relacionado a questão dos conteúdos nos dias de hoje, assim como o Professor 3, o Professor 4 relatou que muitos alunos de sua turma de 4º ano se encontram no nível de alfabetização dos 1º e 2º anos. Entretanto, afirmou que nessa turma também tem alunos que se encontram no nível do ano escolar, além de mencionar que a turma em que está lecionando é muito colaborativa e participativa, então, os alunos que já têm domínio, muitas vezes, acabam ajudando os que têm dificuldade.

Professor 4: Na sala que eu estou hoje tem a dificuldade dos alunos que ficaram dois anos sem estudar, então, no 4º ano, eu ainda tenho alunos que ainda não sabem ler e escrever. [...] a minha sala esse ano é muito tranquila e bacana, está sendo possível trabalhar com aqueles que têm mais facilidade e com os que têm dificuldade. É legal também que eles se ajudam muito entre si, então consigo trabalhar em duplas, em grupos em que eles conseguem se ajudar.

Como a sala se encontra em níveis de aprendizagem bem diferentes em relação ao ano escolar em que se encontra, o docente diz que há atividades que é necessário o planejamento separado a determinados alunos, mas alega que “[...] a ideia não é excluir esses alunos da aula e também não quero que eles se sintam de fora” (Professor 4), então sempre procura ao máximo incluí-los nas aulas.

Quando indagado ao Professor 4 sobre os conteúdos de História e Geografia foi dito uma resposta semelhante ao Professor 3:

Professor 4: Gostaria de fazer uma crítica ao nosso currículo. Acho que disciplinas como História, Geografia, Ciências deveriam ter muito mais aulas, não apenas duas ou uma aula por semana. É uma mudança que precisaria ter. É preciso ter um olhar diferenciado [...]. Como a cobrança é maior no Ensino Fundamental 2, acho que eles começam a sentir o quanto esse aprendizado não foi efetivo. Por isso que eu falo a importância de manter maior qualidade do que quantidade.

O educador também afirma que antes do afastamento presencial, a grade curricular já contava com poucas aulas dessas disciplinas, não sendo o suficiente para desenvolver todos os assuntos estipulados. O que se encontra atrasado é cada vez mais relegado pela falta de aulas no currículo. O Professor 4 também compartilhou que sente que há falta de muitas bases de conhecimentos aos alunos, mas que realiza algumas adaptações e sempre busca outros meios mais lúdicos para explicar as matérias. Um exemplo que o professor deu no ensino de história foi:

Professor 4: Eu tento sair pra fora de sala de aula e planejar aulas dinâmicas para eles entenderem. Hoje, por exemplo, a gente está trabalhando História junto com a capoeira. Através da história da capoeira, estamos trabalhando a história do Brasil e da África também. [...] eu vejo que eles estão entendendo e que gostam e participam bastante.

Ainda sobre a questão dos conteúdos de História e Geografia, o Professor 1 e o Professor 2 compartilharam:

Professor 1: [...] até que os alunos estão conseguindo acompanhar os conteúdos de História e Geografia, mas o problema é na área da linguagem. Isso está interferindo na interpretação deles em todas as disciplinas. Quando você dá um enunciado mais elaborado, eles confundem tudo [...] as respostas ficam sem pé nem cabeça. Os textos são pobres e eles têm dificuldade e preguiça de ler e escrever [...]. Eu dou várias atividades para tentar desenvolver isso, mas na maioria das vezes é um terror. Eles escrevem coisas absurdas, parece coisa de alunos de 1º ano. É muito difícil até para avaliar.

Professor 2: Em História eu não senti muito impacto, mas em Geografia sim, por conta da alfabetização cartográfica e noção espacial. [...] muitos estão com dificuldade de saber o que é esquerda e direita, norte e sul [...].

O primeiro enfatizou que, em termos de conteúdo de sua turma de 5º ano, encontra uma defasagem muito grande nos alunos relacionada à leitura e a escrita, pois se encontravam no período de alfabetização durante a pandemia. Assim, o desafio se encontra na formação das respostas dos alunos, os quais têm escritas que nem eles mesmos compreendem. E ainda acrescentou:

Professor 1: Os alunos com problemas emocionais atrasam muito os conteúdos e o andamento das aulas. [...] o bom é que essa turma praticamente não tem dificuldade de aprendizagem, pelo contrário, eles pegam as coisas muito rápido, então não é muito difícil correr atrás do que não foi passado. Mas, mesmo assim, eu estou atrasada nos conteúdos de História e Geografia e um dos motivos é essa questão.

Nesse contexto, o atraso em alguns conteúdos do Professor 1 está sendo, majoritariamente, relacionando à conflitos emocionais em sala de aula por parte de alguns alunos, essa questão será melhor analisada posteriormente.

A apresentação do Professor 2 diante do conteúdo das disciplinas foi substancialmente o que está exposto acima, em que apresentou brevemente que seu maior desafio está sendo em relação a alfabetização cartográfica dos alunos, mas nada foi mencionado além disso.

Em vista disso, podemos observar que por mais que todos os professores estejam passando pelo desafio em desenvolver seus planejamentos levando em conta a defasagem dos alunos, os docentes das instituições públicas estão com maior dificuldade no atraso de seus alunos do que os da rede particular de ensino.

Sobre os desafios relacionados ao material didático do atual ano, a pergunta foi direcionada às disciplinas de História e Geografia na proposta de melhor direcionar os entrevistados. Nesse contexto, os Professores 1 e 2 alegaram que mesmo com pequenos atrasos de conteúdo, estão conseguindo segui-los normalmente. Em contrapartida, os Professores 3 e 4 compartilharam o oposto dos primeiros.

O Professor 3 e 4 alegaram que pela alta defasagem e falta de bases de conhecimentos que deveriam ter adquirido nos anos anteriores, os alunos não conseguem acompanhar os conteúdos do 4º ano exigidos pelos livros didáticos. Ademais, muitos assuntos tratados nos materiais não condizem com a realidade em que as crianças se encontram, dificultando ainda mais o acesso.

Professor 3: Os livros apresentam coisas que acho necessário sim eles saberem, mas a gente não consegue ficar só nisso, porque não fazem sentido para eles, não vão de acordo com a realidade deles. Então, a gente explica esses conteúdos, mas logo já vamos para outro assunto. [...] acabamos pegando os assuntos dos livros e tentamos modificar para coisas mais próximas do dia a dia deles. [...] eu consigo dar sim os conteúdos e a maioria faz, mas quando tem alguma atividade que precisa puxar mais e exige um pouco mais deles, eles não fazem, vira bagunça. Eles nem tentam fazer, junta a falta de interesse com dificuldade. Aí eu acabo voltando um pouco e retomo os conteúdos novamente.

Professor 4: Tem muitas coisas nesse material que a gente vê que eles não vão conseguir acompanhar. [...] quando eles preparam o material didático, parece que acham que todas as crianças estão no mesmo nível, mas a gente sabe que na realidade é diferente. [...] um material que era para ser trabalhado uma vez por semana, a gente acaba trabalhando por duas ou três vezes. A gente vai voltando até a criança assimilar.

Como podemos observar, ambos enfatizaram como os materiais didáticos não estão apropriados para o nível de aprendizagem que os alunos se encontram e, por esse motivo, se faz necessário o planejamento de adaptações e retomada de assuntos anteriores. O Professor 3 complementa apontando que essa constante dificuldade dos alunos tem gerado muita falta de

interesse e desmotivação aos seus alunos, mencionando que há crianças que não realizam nenhuma escrita no período todo em que estão na sala de aula.

O Professor 4, por sua vez, apontou que quando as atividades se tornam muito complexas ou mantêm-se apenas à base de respostas escritas, as crianças acabam perdendo o interesse. Em vista disso, além de suas adaptações de conteúdos, buscar práticas lúdicas e em ambientes fora da sala de aula, como citado anteriormente, propõe atividades no âmbito da oralidade de seus alunos. O professor conta que tal ação faz com que todos exponham seus pontos de vista e participem da atividade, deixando a aula muito mais rica e interessante.

Entretanto, o Professor 4 menciona um pouco sobre as avaliações externas, as quais não consideram a defasagem dos alunos e as adaptações de conteúdos que são necessárias durante o período letivo.

Professor 4: Por mais que temos certa liberdade em adaptar e redirecionar os conteúdos, as avaliações externas não condizem com isso. Elas esperam que o professor tenha trabalhado todo o conteúdo que está nas apostilas, essa é uma grande questão. É um desafio.

O professor diz sobre a dificuldade sempre que as avaliações se aproximam, uma vez que se espera que o docente tenha trabalhado todo o conteúdo apresentado nas apostilas. Ainda que tenham autonomia em flexibilizar os estudos para que todos possam acompanhar, as cobranças em relação às avaliações são muito grandes. Nada foi dito pelos outros professores sobre as avaliações externas.

Caminhando com as questões discutidas nas entrevistas, após indagados sobre a influência do aumento no uso da tecnologia e das plataformas digitais atualmente, os quatro professores compartilharam falas semelhantes.

Professor 1: Hoje, eu uso muito mais recursos visuais como instrumentos de auxílio para explicar as minhas aulas, como vídeos e imagens.

Professor 2: As plataformas digitais vieram pra ficar. [...] toda semana a gente coloca conteúdos relacionados às aulas para os alunos.

Professor 3: Estamos fazendo muito mais uso das plataformas digitais hoje em dia, tanto que a prefeitura de Osasco disponibilizou um notebook e internet para cada aluno dos 4º e 5º anos.

Professor 4: Depois da pandemia, a escola conseguiu comprar alguns recursos, como TV nas salas, alguns computadores, melhoraram a internet. [...] facilitou para nós quando queremos utilizar outros recursos. Isso ajudou bastante, porque antes era só a lousa e os textos.

Todos os docentes apresentaram que após a pandemia, o uso de recursos tecnológicos está muito mais frequente em suas aulas. Todavia, por mais que o aumento usual da tecnologia

esteja contribuindo como ferramenta de auxílio no processo de ensino e aprendizagem, os professores 2, 3 e 4 alegaram pontos negativos que estão presenciando em sala de aula. Nada a mais foi comentado pelo Professor 1.

O Professor 2 contou que de vinte e um alunos de sua turma, apenas três não têm aparelhos celulares e que isso tem influenciado muito em suas aulas.

Professor 2: Depois da pandemia, as crianças ficaram muito dependentes dos celulares, de jogos eletrônicos [...]. A influência excessiva dos celulares está deixando as crianças muito preguiçosas. Os alunos estão desanimados para aprender. [...] estão mais dispersos e sem paciência.

O professor ainda complementou que a instituição não deixa os alunos levarem seus aparelhos à aula, mas, pelas crianças usufruírem dos mesmos fora da escola, se encontram constantemente conectadas à internet e sem a supervisão necessária dos pais. O uso excessivo dos celulares tem causado problemas comportamentais e de desinteresse nas aprendizagens por parte dos alunos.

E acrescentou:

Professor 2: Hoje, por causa da internet, eles estão muito à frente de vários assuntos que não deveriam, enquanto outros assuntos fáceis de resolver ficam para trás. A parte emocional e social também está muito atrasada, mas eu digo que não basta apenas a escola trabalhar isso com eles, mas a família também.

O docente apresentou que o uso incorreto dos alunos na internet tem sido um fator desgastante em suas aulas, pois pela falta de controle dos responsáveis, o educador acaba fazendo o papel de mediador dos alunos e dos conteúdos inapropriados consumidos que levam para a sala, mencionando que este deveria ser o papel da família das crianças e não do professor.

O Professor 3 compartilhou sobre as dificuldades que está presenciando no uso dos computadores disponibilizados às crianças e suas consequências.

Professor 3: [...] acaba sendo um trabalho a mais para o professor, porque além de termos que descobrir como usar essas plataformas, também devemos sempre atualizá-las. Outra coisa, tem o material para a informação, mas não são passados os reais motivos para existir esses materiais, fazendo com que muitas vezes eles não sejam utilizados para a finalidade necessária

O professor alegou que a falta de informação e encaminhamento do material eletrônico disponibilizado às crianças acarreta no uso incorreto de um instrumento que deveria ser apenas utilizado para fins educativos. Ou seja, além dos computadores, os alunos também recebem um pacote de internet para ser utilizado, porém, há vezes que esses materiais são utilizados pelas famílias dos educandos, ou por eles mesmos, como instrumento de trabalho e lazer.

Além disso, o Professor 3 acredita que é muita informação para pouca orientação, além de que os alunos ainda não têm autonomia suficiente em utilizá-los de forma independente para realizar as atividades exigidas. O docente ainda apresenta que pelo alto uso dos aparelhos celulares, as crianças estão perdendo o interesse na aprendizagem de determinados conteúdos e que o tempo de concentração das crianças está cada vez menor.

O Professor 4, por sua vez, apresentou que com a facilidade de seus alunos ao acesso à internet, as aulas têm se tornado mais desafiadoras. Por esse motivo, o docente está sempre se reinventando e propondo aulas que façam uso de recursos mais concretos e lúdicos, a fim de tentar estimular maior interesse dos alunos.

Dessa forma, após o Ensino Remoto Emergencial, em que os recursos tecnológicos foram muito utilizados, ainda hoje estão sendo instrumentos das práticas pedagógicas nas instituições de ensino. No entanto, o contato das crianças com os aparelhos também aumentou e o manuseio sem a devida orientação e supervisão está refletindo em desafios dentro das salas de aula. O que vem afetando o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos atuais.

Outro questionamento realizado aos entrevistados foi sobre a relação das famílias dos alunos. Este tópico foi levantado diversas vezes nas falas de alguns professores, sendo alguns citados anteriormente, tais como, a pressão dos pais dos alunos nos ensinamentos das disciplinas e a falta de responsabilidade de algumas famílias na supervisão de seus filhos ao uso da internet.

Sobre as famílias, o Professor 1 e o Professor 4 foram os mais breves. O Professor 1 deu enfoque à falta de apoio da escola e das famílias em responsabilidades que não deveriam ser apenas do docente, deixando-o sobrecarregado e angustiado. Nesse contexto, alegou que há alguns alunos que necessitam de assistência especializada para que possam realizar as atividades em sala de aula de forma efetiva, mas que nada é feito pelos pais e nem pela instituição.

Já o Professor 4 compartilhou sobre a dificuldade de muitas famílias em dar a devida atenção às crianças, uma vez que ficam muitas horas do dia em seus empregos. O educador alegou que há alunos nos quais esse fator tem se tornado um desafio, pois a falta de determinados estímulos vindo dos pais faz com que os educandos se sintam desmotivados em sala de aula.

O Professor 2, assim como o Professor 4, apresentou a ausência dos pais de seus alunos, os quais deixam seus filhos mais tempo sob a supervisão de funcionários contratados do que deles mesmos. Ademais, expôs que por esse motivo, os professores acabam conhecendo melhor as crianças do que os próprios pais, além de que muitos alunos acabam o usando como referência em diversas atitudes diárias.

Professor 2: A criança que conseguiu se restabelecer rapidamente quando as aulas voltaram é porque tem pais e mães presentes, já a criança que se desestabilizou, e que continua assim, é porque o pai e a mãe não estão presentes. [...] meus alunos são crianças extremamente carentes. Não digo de bens materiais, mas carentes de valores, atenção, de alguém para guiá-los. Normalmente quem fica com eles é a babá, motorista, empregada, os pais são muito ausentes.

O docente ainda acrescentou que observa que muitos familiares não estão com paciência em educar seus próprios filhos e esta situação está dificultando algumas relações sociais dentro do ambiente escolar, pois alega que há muito confronto de regras e disputa por autoridade com as crianças.

Professor 2: A pandemia causou muitas consequências, mas não foi só isso, a questão da família também contribuiu muito para o que as crianças estão apresentando hoje. Muitos pais não estão tendo paciência de educar seus filhos e deixam eles mandarem em tudo.

O Professor 3, por sua vez, também apresentou a influência dos pais no desempenho e interesse de seus alunos nas atividades escolares.

O Professor 3: As crianças são reflexos dos pais, então a gente sabe que tem alguns que estão presentes, mas a maioria parece que não está nem aí. Não nos respondem, não aparecem na reunião de pais [...]. Dá para perceber a família que cobra em casa e os que estão fingindo que estão fazendo. Algumas vezes eu olho o comportamento da família e penso: tá explicado porque o aluno é dessa forma.

Além disso, destacou que o desinteresse das famílias de seus alunos não está apenas em relação à educação, mas na ausência de atitudes em ajudar a encontrar soluções às dificuldades dos alunos relatadas pela escola.

Professor 3: Ver aquela criança naquele sofrimento e você liga para a família e ela não está nem aí. Você pesquisar e ver que aquela criança é encaminhada há anos e ainda não fez nenhuma consulta. [...] me dói ver a criança naquele estado, a gente tenta ajudar ela enquanto ela está na escola, mas em casa ninguém faz nada.

E acrescentou que este problema está sendo uma de suas maiores dificuldades em sala de aula nos dias de hoje.

Professor 3: A maior dificuldade não está sendo a adaptação dos conteúdos em si. A gente está tendo muitos alunos que vemos que se enquadram em problemas cognitivos, mas que a família não vai atrás. Então, você quer dar um conteúdo, mas também tem que adaptar para diversas fases, por conta de crianças que não receberam o devido acompanhamento profissional.

Assim, os docentes compartilharam como os valores familiares estão refletindo em sala de aula, o aumento de contato dos alunos com o ambiente familiar e a falta de socialização do ambiente escolar tornou as relações mais desafiadoras. Todos os professores deixaram explícito que os alunos mais assistidos pelos responsáveis possuem melhor desempenho nas atividades

pedagógicas e nas relações sociais, enquanto os que têm maior ausência da família apresentam menor rendimento e maior dificuldade comportamental.

Sobre as relações comportamentais dos alunos pós-pandemia, os professores foram indagados em como os alunos estão atualmente em questões emocionais, afetivas e sociais.

Professor 1: No 5º ano muitas crianças estão com problemas emocionais. A gente acha que não foi consequência da pandemia, no sentido de que essas coisas não existiriam se a pandemia não tivesse acontecido, mas que se com certeza se agravaram com a vinda da pandemia. Alguns alunos estão até fazendo acompanhamento com psiquiatra e uso de remédios para ajudar a controlar isso. E são alunos que atrapalham muito o andamento da aula, pois muitas vezes tem crise durante qualquer explicação, e a aula só volta quando são retirados de sala. Esses alunos entram em desespero e acabam fazendo com que a turma toda se desespere também.

Professor 2: As crianças do 5º ano estão com muita dificuldade em lidar com suas frustrações. Em casa, são sempre elas que mandam em tudo e conseguem sempre o que querem, mas na escola e no mundo real não é assim que acontece. Eu paro as minhas aulas várias vezes para resolver questões que façam elas refletirem e se colocarem no lugar do outro, elas não estão conseguindo lidar com suas próprias frustrações. [...] constantemente eu tenho que resgatar coisas do mundo real para que eles entendam seus próprios problemas, isso é bastante cansativo.

Professor 3: O meu maior desafio é justamente o comportamental. Eles estão com muita dificuldade de concentração, atenção [...]. O lado da falta de interesse, a quantidade de alunos com zero atenção, os que não são acompanhados pelas famílias, os que têm laudo médico e a família não faz o acompanhamento que deveria, isso tudo é muito difícil de lidar.

Professor 4: Depois da pandemia, parece que eles desaprenderam essa parte de se relacionar e socializar com outras crianças. [...] os alunos estavam muito ríspidos, não conseguiam ficar sem brigar, então, ano passado, a gente vivia apagando incêndios. Mas eu sinto que esse ano o comportamento tem melhorado, já deu para trabalhar melhor com as crianças. Lógico que ainda temos crianças com dificuldades em se relacionar, mas a gente procura trabalhar com elas e está cada vez melhor.

O Professor 1 apresentou que muitos alunos estão apresentando transtornos em relação à saúde mental, dos quais alguns já têm laudo médico e outros estão em fase de testes. O docente aponta que muitas crianças tiveram suas emoções desestruturadas e potencializadas durante a pandemia, sendo o medo da morte pela covid-19 um dos fatores que muitos de seus alunos manifestaram.

Nesse contexto, a escola do Professor 1 começou um projeto em parceria com profissionais da área da psicologia e psicopedagogia para trabalhar com esses alunos, mas o educador apresenta que mesmo com esse projeto está bem desgastado emocionalmente ao lidar com essas situações todos os dias.

O Professor 2 muito se referiu à dificuldade que os alunos estão apresentando em lidar com suas próprias frustrações e em como tem que parar várias vezes ao dia para ajudá-los a compreenderem que nem sempre as coisas acontecem como queremos. O educador expôs que

sua aula é constantemente sobre causa e consequência e que está bastante cansado em relação a todo momento ser necessário esse trabalho psicológico.

O Professor 3 destacou que os alunos se encontram muito diferentes do que eram antes, estão mais dispersos e quase não demonstram interesse nas atividades de aprendizagem. O professor apontou que por mais que procure propostas diferenciadas, os alunos raramente se mostram incentivados.

O Professor 4 apresentou que após a pandemia, as crianças se mostraram muito agitadas e com dificuldade nas relações sociais. Todavia, diferentemente dos outros educadores, o docente alegou que, atualmente, mesmo ainda existindo alunos mais desafiadores, o trabalho pedagógico esteve progredindo para melhor.

Como observado, o que foi apresentado até o momento foram aspectos que causam bastante impacto nas práticas diárias dentro das instituições escolares. Sendo assim, ao final da entrevista de cada entrevistado foi questionado em como eles se sentem em relação a todos os desafios pelos quais estão passando.

Professor 1: É muita angústia. Parece que a gente não vai dar conta, por mais que a gente faça o que está ao nosso alcance. Eu quase não estou dando conta mais e vejo até que a minha aposentadoria está próxima. É uma coisa que te adoece. Às vezes eu choro. Às vezes me sinto culpada. Fico pensando se fiz certo ou não.

O Professor 1 compartilhou a angústia e o sentimento de impotência que sente em relação à culpa que sente em enxergar onde deve atuar, mas não conseguir dar conta de tudo. E acrescentou:

Professor 1: Esses problemas emocionais que surgiram depois da pandemia me trazem um desgaste de energia psíquica enorme. Parece que virou a minha função saber lidar com todos esses problemas, e eu não tenho treinamento nem recurso para isso. Eu fico sem saber o que fazer nessas horas, parece que dá um branco na minha cabeça. [...] o medo que me dá de fazer algo errado ou que potencializa mais ainda esses surtos.

Assim como exposto anteriormente, o docente sente um grande desgaste na responsabilidade em lidar com a sobrecarga emocional dos alunos, sobrecarregando seu próprio emocional.

O Professor 2 mencionou os diversos papéis que está precisando exercer hoje em dia para melhor ajudar seus alunos. Apresentou a importância em conversar e entender as crianças, a fim de procurar manter uma relação mais próxima e fazer com que sintam o educador ao seu lado.

Professor 2: Hoje em dia, eu falo que a gente tem que ser um pouco de professor, um pouco de psicólogo, um pouco de tudo, porque muitas coisas mudaram. [...] as

crianças estão tendo uma liberdade excessiva, e isso acaba as deixando perdidas. A gente tem que ser mais humano, porque a pós pandemia mexeu muito com as crianças.

Todavia, o docente também compartilhou o sentimento de falta de respeito em relação aos familiares de seus alunos e como isso tem lhe afetado.

Professor 2: Também acho que o pós-pandemia veio para desmascarar muitas famílias, mostrando como é o funcionamento real das famílias das crianças. O que é mais desgastante para mim é a falta de respeito, tanto dos alunos, mas principalmente dos próprios pais. Eles ficam tentando justificar comportamentos que não tem justificativa e as crianças estão cada vez mais egocêntricas, não sabem mais o que é empatia.

Como podemos observar, o professor demonstra muita dificuldade na influência que os pais estão causando em seus filhos. O docente, mais uma vez, apontou o sentimento de desgaste e cansaço diante da necessidade em lidar com responsabilidades que não são função apenas do professor.

O Professor 3 se mostrou sobrecarregado perante todos os desafios que se responsabiliza. Alegou a falta de preparo para enfrentar todas essas dificuldades e o sentimento de estar lidando com o impossível todos os dias.

Professor 3: A gente pode perceber que as dificuldades cognitivas e alunos de inclusão têm aumentado por sala e eu sinto um pouco de falta de um apoio emocional por parte da escola, um apoio de como lidar com essas situações. Meio que há alunos com todos esses problemas e apenas uma professora para lidar com todos ao mesmo tempo. [...] já pensei em desistir várias vezes, mas a gente volta e tenta fazer de novo. Agora que estamos no final do ano, eu me sinto mais calma, fico com o pensamento de que está acabando. Mas, no começo do ano foi muito difícil.

Já o Professor 4, ao contrário dos outros educadores, apresentou que mesmo com os desafios diários, se mostrou mais positivo e disposto com o trabalho realizado em sua sala de aula.

Professor 4: Acho que o meu desafio maior agora é fazer com que os alunos com mais dificuldade consigam se aproximar cada vez mais do ritmo dos outros e conseguir acompanhar o ritmo da sala. Conseguir fazer com que esses alunos avancem e sem fazer com que os outros se sintam desestimulados. Eu gosto de conversar com os alunos, entender o que eles gostam e ouvir o lado deles. Mostrar que existe uma parceria na sala de aula e que eles estão sendo escutados[...]. No nosso trabalho sempre vai ter um monte de barreiras, é salário, é a carga horária, mas eu acho que a gente não pode ficar só reclamando. Temos que ver onde está o problema e falar ‘vamos lá, o que eu posso fazer pra resolver isso.

À vista disso, finalizou mencionando a importância do docente em ter uma boa troca com seus alunos e da disposição em resolver as diferentes situações em meio aos obstáculos da profissão.

Em vista das informações coletadas por meio dos professores entrevistados, podemos considerar que por mais que mais de um ano tenha passado desde o retorno das práticas

presenciais nas instituições de ensino, ainda são muitas as dificuldades potencializadas pelo período de pandemia em que os docentes estão enfrentando no dia a dia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender e refletir sobre a crise educacional causada pela Covid-19, procurando investigar os desafios enfrentados pelos professores após o retorno às aulas presenciais, visto que as dificuldades não ficaram apenas no período de isolamento e no retorno do ensino regular, mas se evidenciam em aspectos ocorrentes nos dias atuais dentro das instituições escolares.

A conclusão obtida foi que o Ensino Remoto Emergencial durante o período pandêmico influenciou no surgimento de diferentes preocupações, tanto no âmbito da qualidade da educação quanto no âmbito psicológico, afetivo e social, consequências essas que causaram forte impacto ao trabalho docente e podem ser presenciadas até os dias atuais. Ou seja, ainda hoje, após mais de um ano desde o retorno das práticas pedagógicas presenciais, há múltiplas dificuldades que os professores estão enfrentando no trabalho em sala de aula.

Com base na análise de dados das entrevistas aos profissionais, tornou-se possível observar como os alunos dos anos finais do primeiro ciclo do Ensino Fundamental são reflexos do ensino, ou da falta de ensino, nos tempos de pandemia. Hoje, podemos ver como, principalmente, o impacto na aprendizagem da área da linguagem está interferindo no avanço dos desenvolvimentos dos alunos.

Sobre o ensino dos conteúdos, os alunos que não passaram pelo devido processo de alfabetização estão apresentando dificuldades nas práticas de exercícios em outras matérias, impactando o avanço nos conteúdos do ano escolar. Além disso, nas instituições públicas, a intensa defasagem dos discentes tem apresentado muito mais impacto no processo de ensino e aprendizagem, na medida que ao priorizar apenas o ensino das matérias de Língua Portuguesa e Matemática, as aprendizagens das outras disciplinas estão cada vez mais atrasadas, podendo causar outras dificuldades nos anos futuros dos alunos.

Quanto aos materiais didáticos, ainda com leve dificuldade, os alunos da rede particular estão conseguindo acompanhar as temáticas abordadas da série escolar, porém, na da rede pública está sendo necessário realizar a adaptação dos temas a serem desenvolvidos em aula. Os docentes estão precisando abordar muitos assuntos dos anos anteriores pelo motivo dos alunos ainda não desenvolverem certas habilidades e competências, optando na entrega de um ensino qualitativo ao invés de quantitativo.

Foi possível observar que o uso dos aparelhos eletrônicos pelas crianças dessa geração, intensificado durante a pandemia, está influenciando o desempenho e interesse dos alunos nas

atividades em sala. Dessa forma, os educadores estão presenciando a necessidade de repensar e propor aulas mais lúdicas e que estimulem a atenção e interesse das crianças.

Em relação às famílias dos discentes, pôde-se constatar que o funcionamento das famílias durante e pós-pandemia tem grande influência no comportamento dos alunos em relação a muitos aspectos dentro da instituição escolar, desde o âmbito cognitivo até o emocional e social. Em todas as instituições, os alunos mais assistidos pelos responsáveis acabam demonstrando melhor desempenho e disposição em sala de aula.

Após o retorno às aulas presenciais, os casos de alunos com transtornos psicológicos e dificuldades de aprendizagem vêm aumentando muito. Desse modo, os docentes mostraram-se angustiados e desgastados emocionalmente diante de ter que lidar com os desafios da profissão, além dos problemas dos próprios alunos. Ou seja, o que pode ser notado é que, historicamente, a docência sempre foi uma área marcada pelo excesso de trabalho, alta jornada de trabalho e baixo salário. Na pandemia não foi diferente, tal qual, neste momento, os professores ainda estão precisando redobrar seus esforços a fim de preservar a qualidade das aprendizagens, gerando certo esgotamento psicológico dos profissionais.

Sendo assim, sobre as instituições de ensino da rede pública e da rede privada de ensino, apenas foi possível compreender a diferença da tamanha dificuldade em relação aos atrasos de conteúdos que os educandos das escolas públicas estão enfrentando. De fato, não foi possível realizar profundas comparações entre as mesmas, uma vez que a maioria dos docentes está passando por desafios semelhantes tanto em relação a defasagem e problemas comportamentais e emocionais dos alunos, quanto na relação da instituição com as famílias e no desgaste psicológico profissional.

Por mais que as dificuldades durante a pandemia da Covid-19 tenham passado, novos desafios são enfrentados diariamente pelos docentes em suas salas de aula. Dessa forma, este estudo ajuda a expor e refletir dentro de uma visão crítica sobre a crise educacional que ainda pode ser presenciada dentro das instituições escolares, possibilitando novos olhares mais humanitários, a fim de se aproximar da superação dos obstáculos deixados pela pandemia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luana Costa; DALBEN, Adilson. (Re)orgaizar o trabalho pedagógico em tempos de Covid-19: no limiar do (im)possível. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e239688, 2020.
- ALMEIDA, Patrícia Rodrigues de. et al. Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. **Rev. Actual. Investig. Educ**, San José, v. 21, n. 3, p. 275-302, Dec. 2021.
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, n. 2, p. 61-69, fev. 1992.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves. Educação, vida precária e capacitação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 584-599, jul./set. 2018.
- BRASIL. MEC. Portaria n. 329, de 11 de março de 2020. Institui o Comitê Operativo de Emergência do Ministério da Educação – COE/MEC. Diário Oficial da União: ed. 49, seção 1, Brasília, DF, 12 mar. 2020.
- BRASIL. MEC. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial da União: ed. 53, seção 1, Brasília, DF, 18 mar. 2020.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação** (Vol. 1) - Psicologia Evolutiva. São Paulo: Artes Médicas, 2004.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- FETTERMANN, Joyce; TAMARIZ, Annabell Dell Real. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte. v.14, n.1, e24941, 2021.
- FORTUNATO, Ivan. O Relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: FORTUNATO, Ivan.; SHIGUNOV NETO, Alexandre. (org). **Método(s) de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018, v. 1, p. 37-50
- GATTI, Bernadete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29-41, set. 2020.
- MACEDO, Renta Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.262-280, maio-ago. 2021.
- MATIAS, Aline Bicalho. et al. A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, **Brasil Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 2, p. 537-546, fev. 2023.
- MATTOS, Fernando Augusto Mansor de.; CHAGAS, Gleison José do Nascimento. Desafios para a inclusão digital no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 67-94, jan. 2008.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2000.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, e249236, 2021.

OLIVEIRA, Breyner Ricardo de; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; JORGE, Gláucia Maria dos Santos; COELHO, Jianne Ines Fialho. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84–106, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. **Revista USP**, [S. l.], n. 127, p. 27-40, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SANTOS, Maria; MACEDO, Elizabeth. Da responsabilidade ética do responder para que serve a escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, e85999, 2022.

SILVA, Isabel de Oliveira E. et al. A escola da ausência da escola: reflexões das crianças durante a pandemia. **Cadernos CEDES**, v. 42, n. 118, p. 270-282, set. 2022.

SILVESTRE, Bruno Modesto; FIGUEIREDO FILHO, Carolina Barbosa Gomes; SILVA, Dirceu Santos. Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. e280054, 2023.

SOARES, Livia Maria de Souza. **Crianças com dificuldades de aprendizagem**: desafios e construção de intervenções pedagógicas no contexto do ensino fundamental I pós-pandemia. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2023.

SOUZA, Aparecida Neri de.; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out. 2011.

SOUZA, Katia Reis. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, e00309141, jan. 2021.

VASQUES, Daniel Giordani; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. A reorganização dos laços educativos e a prática pedagógica em educação física no retorno à presencialidade na escola. **Movimento**, v. 28, e28074, 2022.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Ensino a distância, dificuldades presenciais: perspectivas em tempos de COVID-19. **Revista Ibero-Americana de Estudos Em Educação**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 1750–1768, 2020.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil do Entrevistado - Formação, carreira e vida profissional

Nome e idade.

Qual a formação? Em que ano cursou?

Durante a graduação, como foi a sua relação com os conteúdos de História e Geografia?

Há quanto tempo atua? Como foi o início de sua carreira como professor?

Em que ano está atuando? Quantos alunos possui em sala de aula? Qual a sua relação com os alunos?

Como é a instituição na qual atua? Qual o perfil da comunidade?

Contextualização - Durante a pandemia

Como foi quando a pandemia iniciou? Houve apoio da instituição e contribuição das famílias? Os alunos tinham acesso às aprendizagens?

Foi possível desenvolver todos os conteúdos estipulados para o ano ou precisou reorganizar a carga horária das disciplinas? Como foi o ensino de História e Geografia durante este período? Quais foram os desafios?

Foi possível avaliar a aprendizagem dos alunos?

Dias atuais - O pós-pandemia

Como foi o retorno às aulas presenciais?

Hoje em dia, como as crianças se encontram? (no quesito social, afetivo, emocional, cognitivo)

Teve mudanças nos alunos antes e pós-pandemia? Se sim, quais foram?

Sobre as disciplinas de História e Geografia: No pós-pandemia, como foi a adaptação do currículo e das metodologias utilizadas? São encontradas dificuldades no ensino dos conteúdos dessas disciplinas? Se sim, quais?

Sobre o material didático, no atual momento há a necessidade de um cuidado maior no planejamento de suas práticas? Se sim, quais são os cuidados?

Como está sendo lidar como aumento do uso das tecnologias digitais? Houve a implementação de novos instrumentos nas práticas pedagógicas?

Como está sendo a sua relação com a instituição, com os alunos e suas famílias? Como você se sente em relação a tudo isso?

Além do que já foi conversado, há algo que você gostaria de falar sobre esta temática?